

**A PRÁTICA ARTÍSTICA DO COEXISTENCIALIZAR: NÃO CHEGAR ONDE
DESEJAMOS, MAS NUNCA ESQUECER DA POTÊNCIA DO *SENTIR COM***

*Eixo Temático 15 - Formas de Viver e Desejar na Arte e na Geografia:
Perspectivas para pensar Corpo, Gênero e Sexualidade*

Thallyta Karoline Maia Piovezan ¹
Tânia Bittencourt Bloomfield ²

RESUMO

Ao longo desta pesquisa, desenvolvi uma reflexão sobre minha prática artística, desde o ano de 2020 até o momento presente, em que elaborei o conceito operatório coexistencializar, articulando questões sobre como temos nos relacionado uns com os outros e com os ecossistemas. Para tanto, apoiei-me na prática artística de Lygia Clark, os conceitos de espaço fluido e meshwork do antropólogo Tim Ingold e o conceito de Corpo sem Órgãos de Deleuze e Guattari. Iconograficamente, utilizei balões, vasos, terra, e outros materiais, enfatizando as características fluídicas presentes nos balões, visando realizar experiências que possibilitam provocar, em algum grau, percepções sensoriais de estar junto a algo e evidenciar, através dos sentidos, coexistência nas experiências.

Palavras-chave: Arte Contemporânea; Coexistência, Corpo, Espaço Fluido, Intervenção Urbana.

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, elaborei uma reflexão sobre a minha produção poética que se articula com o conceito operatório coexistencializar, em que integro questões sobre como estamos e como nos relacionamos no mundo e a necessidade de ação para evidenciar a coexistência no que não percebemos como contendor de caráter coexistente. Para tanto, utilizo balões como dispositivos para a prática artística e relato o processo de desenvolvimento dos trabalhos que

¹ Graduada pelo Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Paraná - UFPR, thallytakpiovezan@gmail.com

² Professora orientadora: Doutora, Departamento de Artes e Música - UFPR, taniabloomfield@ufpr.br

foram executados até aqui, de maneira a refletir sobre como a materialidade dos balões se relaciona ao coexistencializar.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa qualitativa que envolve uma reflexão sobre a minha poética, percebi uma questão existencial muito forte na minha prática artística. Esta questão passa pela reflexão sobre como estamos vivendo em sociedade e nos relacionando com a natureza. Nessa reflexão, a aproximação do pensamento do antropólogo Tim Ingold (2015, p.111) foi importante, do qual empresto a noção de espaço e malha (meshwork), que relaciono à minha prática artística para embasar o conceito coexistencializar.

Como nos relacionamos com os outros, com a alteridade, com o espaço, são preocupações que também me fizeram buscar aproximações com a propositora Lygia Clark, levando em conta o caráter de interação das suas propostas, mais especificamente o que se relaciona com o trabalho “Baba Antropofágica” (1973) (Figura 1). Em seu processo, Lygia considerou os fluidos corporais, o que julguei ser possível aproximar aos meus trabalhos com balões. Tendo em vista a interpretação de Suely Rolnik sobre os fluxos/babas desta proposição de Clark como um corpo sem órgãos (ROLNIK, 1994, p.16 apud BRETT, 2005, p.121), estabeleço relação entre a prática do coexistencializar com o conceito de CsO explorado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2012, a e b).

FIGURA 1 - BABA ANTROPOFÁGICA, 1973.



FONTE: ASSOCIAÇÃO Cultural Lygia Clark, 2022.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Quando tive contato com a artista e escritora Sandra Rey, percebi que o conjunto das minhas práticas artísticas, realizadas desde 2018, precisavam de um conceito operatório que me permitisse fazer “deslocamentos prático-reflexivos” por meio da minha própria prática artística (REY, 2002). Para Sandra Rey, “a produção de sentidos configura-se nas operações realizadas durante a sua instauração.” (REY, 2002, p. 129), ou seja, é durante a “obra em processo” que os sentidos são produzidos de maneira que “cada procedimento instaurador da obra implica a operacionalização de um conceito.” (Op. cit., p.130). Desta forma, entendo que o próprio trabalho possui conceitos dele mesmo em si, de forma que, durante o processo de desenvolvimento dos trabalhos, esses conceitos são articulados, operacionalizados e, por isso, a necessidade da utilização de um “conceito operatório” que Sandra Rey propõe.

REFERENCIAL TEÓRICO

Consta na introdução.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Realizei diversos trabalhos durante o período de 2020 a 2022, dos quais selecionei quatro para integrar a pesquisa. O incômodo que me levou a buscar um conceito operatório relacionado à coexistência, iniciou-se em 2018 durante minha participação no Projeto Permanente de Desenvolvimento e Experimentação em Artes Visuais do Sesc Paço da Liberdade.³ Um dos primeiros trabalhos que demonstram a minha preocupação sobre como estamos nos relacionando com os ecossistemas terrestres é Plantei água, mas não cresceu (2020) (Figura 2). Neste trabalho apresentado em fotografia, plantei uma garrafa de plástico vazia, utilizada no comércio de água mineral, em um vaso cheio de terra. Como estávamos em período de isolamento, logo no início da pandemia da Covid-19, a fotografia foi o meio o que me possibilitou realizar essa ação e registrá-la.

³ Optei por não abordar os trabalhos desenvolvidos durante os anos de 2018 e 2019 por entender que as propostas desenvolvidas neste período não demonstravam visualmente uma relação com a vontade de pensar coexistência.

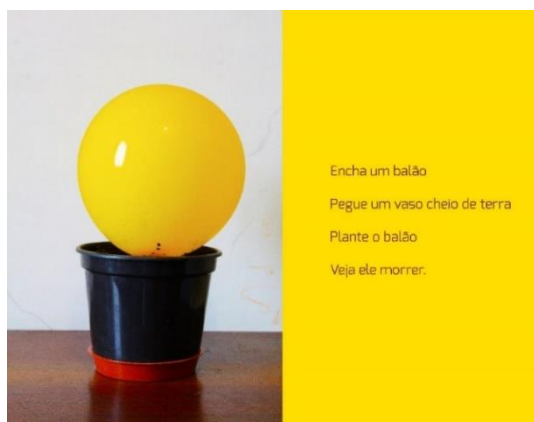
FIGURA 2 – REGISTRO DO TRABALHO PLANTEI ÁGUA, MAS NÃO CRESCER. FOTOGRAFIA DE THALLYTA PIOVEZAN, 2020.



FONTE: Acervo pessoal de Thallyta Piovezan (2020).

Logo após a "plantação" desta garrafa de água vazia, plantei um balão em um vaso com terra (Figura 3). A ideia do balão apareceu primeiramente em um quadro⁴ que eu havia pintado, também em 2020, como uma maneira de mostrar que o corpo do quadro também poderia estar respirando. Naquele momento do processo, ainda não estava claro o significado que os balões assumiriam na minha pesquisa. Porém, relendo o pequeno texto que escrevi sobre o balão plantado, ficou clara, para mim, a relação já existente entre esse trabalho e os balões como dispositivos coexistencializadores.

FIGURA 3 – REGISTRO DO TRABALHO ENCHA UM BALÃO, PEGUE UM VASO CHEIO DE TERRA, PLANTE O BALÃO; VEJA ELE MORRER. FOTOGRAFIA DE THALLYTA PIOVEZAN, 2020.



FONTE: Acervo pessoal de Thallyta Piovezan (2020).

⁴ Este trabalho pode ser visto em: <https://www.thallytapiovezan.com/previsibilidade>

Após plantar o balão em um vaso, houve um processo que envolveu a experimentação da materialidade do balão em uma outra pintura e, após isso, uma proposição foi realizada em março de 2021, intitulada Coexistir ou Morrer? (Figura 4).

FIGURA 4 - REGISTRO DA PROPOSIÇÃO “COEXISTIR OU MORRER?”. EXPOSIÇÃO MEIA-LUZ, 2021. FOTOGRAFIA DE THALLYTA PIOVEZAN, 2021.



FONTE: Acervo pessoal de Thallyta Piovezan (2021).

Durante esse trabalho, a questão da saliva surgiu como um elemento importante, e comecei a pensar sobre o que é essa saliva e esse ar que expelimos dentro do balão. Ao encher um balão com nossas excreções, algo que não pertence mais ao nosso corpo é transferido ao balão, ao espaço e pode voltar para nós mesmos, em outra configuração existencial. Ao formar outro corpo, o balão, com nossa saliva e outros componentes fluídicos, ele nos relaciona sensorialmente com os materiais e o espaço onde nos encontramos, no caso, um quarto com balões enchidos por outras pessoas. Desta forma, relacionamo-nos com a pele artificial do balão que contém os resquícios fluídicos de outros seres humanos e também com a pele desse corpo que não é de ninguém, um corpo de saliva contido pelo látex. Este outro corpo é análogo ao descrito por Suely Rolnik, o Baba Antropofágica, relação que acabei estabelecendo somente mais tarde.

Após a realização da proposição Coexistir ou Morrer?, eu comecei a pensar em outra questão acerca do aspecto material do balão, seu limite físico para o enchimento de ar. Propus, então, um cartão-postal⁵ (Figura 6), que enviei, dentro de um envelope vermelho, para

⁵ Apesar do cartão-postal estar intrinsecamente ligado à arte correio, escolhi não abordar esta questão porque o foco da pesquisa está nas questões pertinentes às características dos balões e o desenvolvimento do conceito operatório *coexistencializar*.

peças que eram convidadas a preencher um formulário de participação ou para aquelas que encontraram esse envelope em algum lugar da cidade de Curitiba/Paraná. Os cartões-postais começaram a ser enviados em 13 de julho de 2021, e, até a data de 08 de fevereiro de 2022, foram entregues vinte e quatro cartões-postais, sendo que um deles foi deixado no ônibus Pinheirinho, com placa BCB1590, no dia 22 de novembro de 2021, e outro, em uma árvore na praça Osório como parte de uma colaboração com outro artista, Guilherme Valle. No cartão-postal está escrito “encha o balão até estourar”, no qual foi afixado um balão vermelho.

Figura 5 - REGISTRO DA FRENTE E DO VERSO, RESPECTIVAMENTE, DO CARTÃO-POSTAL ATÉ ESTOURAR. FOTOGRAFIA DE THALLYTA PIOVEZAN, 2021.



FONTE: Acervo pessoal de Thallyta Piovezan (2021).

Finalmente, após enviar os cartões-postais, pensei em uma última proposição em que os conceitos de espaço de Tim Ingold e o conceito de "corpo sem órgãos" aparecem de maneira mais contundente.

Em 2022, desenvolvi a proposta Membranas Evidenciadoras (Figura 7) que consistiu em encher aproximadamente trezentos balões (o número de balões foi considerado para ocupar um quarto de aproximadamente 16m²), que depois foram jogados pela janela do meu quarto, que fica no sétimo andar de um prédio no centro de Curitiba, Paraná. Nesta proposição, percebi que a relação balão-espaço-pessoas se tornou mais evidente no trabalho e isso me fez parar para pensar sobre suas implicações. Ao ter contato com o pensamento de Tim Ingold, passei a pensar que o espaço também é uma dimensão fluida. (INGOLD, 2015, p.141). Na perspectiva do antropólogo, “a espacialidade (ou as espacialidades) não são simplesmente ambientes do acondicionamento das relações, mas sistemas integrados que resultam diretamente delas“. (SANTOS, 2013, p.64).

FIGURA 6 - REGISTRO DA PROPOSIÇÃO "MEMBRANAS EVIDENCIADORAS" NO MOMENTO EM QUE OS BALÕES OCUPAVAM TODO O QUARTO À ESQUERDA E NO MOMENTO EM QUE OS BALÕES ESTAVAM SENDO JOGADOS PELA JANELA. FOTOGRAFIA DE THALLYTA PIOVEZAN,



FONTE: Acervo pessoal de Thallyta Piovezan, (2022).

Tim Ingold defende que devemos “trazer as coisas à vida” (INGOLD, 2015, p.59), o que interpreto como um conselho para o enfoque ser dado às relações, ao invés do foco na materialidade dos objetos, sua conformação física, e elementos dispostos individualmente no espaço. No escopo desta pesquisa, a afirmação de Ingold pode ser associada aos balões, em minhas proposições. "Trazer à vida" é uma das maneiras de coexistencializar. Quando enchemos um balão com nossas excreções, estamos trazendo essa coisa à vida, fornecendo dimensão sensorial para essa coisa, de maneira que se possa interagir com ela e que ela se torne evidente, aparente, seja coexistencializada. Ademais, para uma coisa poder ser coexistencializada, não basta percebê-la como objeto, mas perceber por meio dela, com ela, de maneira que se configure como hecceidade: “Estas hecceidades não são o que nós percebemos, já que no mundo do espaço fluído não há objetos de percepção. Elas são, ao contrário, aquilo com que percebemos.” (INGOLD, 2015, p.143). O conceito de hecceidade, na perspectiva de Deleuze e Guattari, é uma individuação diferente de todas as outras, uma individuação sem sujeito, onde tudo “é relação de movimento e de repouso entre moléculas ou partículas, poder de afetar e ser afetado.” (DELEUZE; GUATTARI, p. 47, 2012b). Assim sendo, para coexistencializar é necessário perceber com hecceidade, ou seja, perceber a particularidade, mas com o movimento, de maneira que essa percepção do que é de caráter individual, singular, pode existir graças à relação. Encher balões com nossas partículas excretadas podem ser uma maneira de perceber com o movimento, as relações. Associada à contribuição da perspectiva do antropólogo Tim Ingold sobre as relações de singularidades no/com o espaço, voltei-me para a proposição Baba Antropofágica, da artista Lygia Clark e,

consequentemente, à prática do "corpo sem órgãos", na perspectiva de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Na proposição realizada por Clark com alunos da universidade Sorbonne, Paris, em 1973, os participantes foram incentivados a portar carretéis de fios de costura na boca e puxavam-nos continuamente, deixando-nos cair sobre o corpo de um dos participantes que estava deitado, criando um corpo de saliva, outro corpo. Suely Rolnik descreve este corpo de saliva como paradoxal de maneira que as babas de outras pessoas constroem outro corpo, um "corpo sem órgãos": "Se não é dentro de mim, onde é que este fora me habita?" (ROLNIK, 1994, p.16 apud BRETT, 2005, p.121). Esse outro corpo é um corpo sem órgãos, ou seja, "Ele é não-desejo, mas também desejo. Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas. Ao Corpo sem Órgãos não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite." (DELEUZE; GUATTARI, 2012 a, p. 12). O CsO poderia ser comparado a uma espécie de Big Bang a que não conseguimos retornar, mas sabemos que tem a potência de originar tudo. Desta maneira, coexistencializar seria a potência do *sentir com*, do sentir sem fim. Esta potencialidade pode promover a reflexão que leve as pessoas a se tornarem menos lesivas ao ambiente, porque pode revelar que tudo está em relação no espaço, que existem singularidades em meio ao emaranhado de linhas, da mesma maneira como pode-se entender que todos os elementos em relação em um determinado lugar configuram uma coletividade e que o que começa em mim, continua no outro, numa espécie de relação topológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo prático-reflexivo desta pesquisa se mostrou extremamente complexo, necessitando de diversos movimentos processuais, mentais e dialógicos. Mas ao chegar à finalização desta etapa, todo o processo, desde as ideias iniciais até o desenvolvimento deste artigo, mostrou-se como uma linha em meio a um emaranhado, um caminho que estava sendo seguido, sem destino. Essa analogia que aparece durante as relações que teço juntamente às proposições de Lygia Clark, me fizeram pensar em como os próprios trabalhos carregam em si algo próprio que escapa à linguagem verbal. Essa heciedade que os trabalhos possuem dialoga com os elementos em relação e em movimento no conceito de espaço fluido proposto por Tim Ingold, pois percebemos com os balões e, não somente os balões. A perspectiva de se perceber com e não exatamente as coisas em si, relaciona-se às questões que aparecem no trabalho de Lygia

Clark. Analogamente, os balões são como "*Corpos sem Órgãos*" que se movimentam com o espaço fluido.

Os balões carregam em si a potência do sentir com, do sensorial. As relações estabelecidas entre esses conceitos impulsionam o conceito-operatório coexistencializar, trazendo possíveis significados. Coexistencializar é "trazer vida" às coisas, é não chegar onde desejamos, mas não esquecendo da potência do sentir com, do sentir infinito. Por fim, coexistencializar é, também, estar em constante movimento, sempre ressignificando-se.

Esta pesquisa resultou em um site⁶ (PIOVEZAN, 2022) como exposição final, onde todos os trabalhos podem ser acessados, contendo fotos em alta resolução, descrições e a possibilidade de fazer o download das fotografias.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO Cultural Lygia Clark. **Lygia Clark**: acervo. Baba antropofágica. Disponível em: <<https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/@id/234>> Acesso em 07 mar. 2022.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. V.3. São Paulo: Editora 34, 2012a.

_____. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia. V. 4. São Paulo: Editora 34, 2012b.

BRETT, G. **Brasil Experimental**: arte/vida, proposições e paradoxos. Tradução Renato Rezende. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.

INGOLD, T. **Estar Vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Tradução de Fábio Creder. Rio de Janeiro: Petrópolis: Vozes, 2015.

PIOVEZAN, T.K.M. **Não chegar onde desejamos, mas nunca esquecer da potência do sentir com**. Disponível em: <<https://www.thallytapiovezan.com/coexistencializar>> Acesso em: 24 abr. 2022.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. (In): BRITES, B.; TESSLER, E (org.). **O meio como ponto zero**: metodologia em pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2002. p.152. p. 123-140.

SANTOS, P. A. A espacialidade e as ecologias da vida em Tim Ingold. **Revista Kula: Antropologia y Ciencias Sociales**. N. 9. 2013. Disponível em: <<https://www.revistakula.com.ar/numeros-anteriores/numero-9/>> Acesso em: 15 abr. 2022.

⁶ <https://www.thallytapiovezan.com/coexistencializar>